

Michael Baron

AO ENCONTRO DO  
NOSSO AMOR

A história de uma paixão imortal

Tradução  
Maria Filomena Duarte

*Quinta Essência\**



## Chamar a Sensação Mais a Si

Joseph abriu os olhos e nada lhe pareceu familiar. Estava deitado num sofá – porque estava deitado? – numa sala que nunca vira. Era uma sala agradável, bonita por sinal, com cores quentes e muitos toques de conforto, mas o problema não era esse. O problema era que ele nunca vira esta sala.

As pessoas olhavam para ele. Quatro, cinco, seis pessoas em diversos pontos da sala, de cabeça inclinada para si, olhar inquieto e laivos de curiosidade. Joseph sentou-se à pressa e sentiu-se tonto, a visão um pouco toldada, até se reclinar nos coxins.

– Onde... – disse ele, com uma voz que lhe pareceu de outra pessoa.

Uma mulher talvez à beira dos quarenta anos aproximou-se e pousou-lhe a mão no braço.

– Não se esforce. Passou um mau bocado.

Joseph fitou-a com aspeto de quem tinha dificuldade em adaptar-se ao que o rodeava.

– Onde estou?

– Esta é a nossa casa – respondeu um homem de barba preta cerrada. – Trouxemo-lo para aqui.

– O que me aconteceu?

O homem encolheu os ombros e olhou para alguns dos outros que se encontravam na sala.

– Não sei ao certo.

Aquilo parecia um episódio menor de *The Twilight Zone*. Joseph inclinou-se para a frente e sentiu de novo a cabeça à roda. Todavia, quando se levantou, ficou surpreendido ao ver que a força voltara. Teria desmaiado quando se dirigia para... para onde ia ele antes de aquilo acontecer? Não se lembrava de nada.

– Obrigado pela sua ajuda – disse ele, estendendo a mão ao homem que lhe dirigira a palavra. – Agora sinto-me melhor. Tenho de ir andando.

Outra mulher, que parecia rondar os sessenta e cinco, gesticulou e fez-lhe sinal para que se sentasse.

– Espere um bocadinho – sugeriu ela. – Parece um pouco confuso.

Joseph riu-se.

– Bem, pois, talvez. Não costumo acordar rodeado de desconhecidos.

– Estamos em segurança, se é isso que o preocupa – disse a primeira mulher.

Nem passara pela cabeça de Joseph preocupar-se com a sua segurança. Olhou para as outras pessoas que se encontravam na sala. Apostava que não representavam qualquer ameaça. Aliás, pareciam satisfeitas com a presença dele. Talvez andassem sempre a tirar gente da rua. Talvez se tratasse de um dia normal para elas. Não pareciam agitadas

pelo que acontecera. Se alguém tivesse desmaiado em frente da casa dele, Joseph teria ficado sem saber o que fazer.

– O jantar está quase pronto – disse a mulher mais velha. – Porque não come alguma coisa?

Agora que pensava nisso, Joseph sentia uma certa fome. Não se lembrava de quando comera pela última vez. O que não o surpreendeu, visto que também não se lembrava de mais nada. Tentou apelar à memória – recordar qualquer coisa –, mas só conseguiu uma dor de cabeça.

– Obrigado. Sim, é boa ideia.

Enquanto os outros circulavam na sala, Joseph recostou-se no sofá, tentando encontrar sentido para estas circunstâncias tão estranhas. Espreitou pela janela e viu que o Sol declinava. Teria sofrido algum acidente enquanto dava uma volta? Tentou lembrar-se de alguma coisa que tivesse acontecido nesse dia antes de acordar ali e não foi capaz. Não conseguiu lembrar-se de nada, absolutamente nada. Vasculhou os bolsos à procura de pistas, mas estavam vazios. Ter-lhe-iam os seus anfitriões roubado a carteira e o telemóvel? Não pareciam pessoas capazes de fazer tal coisa, mas até que ponto isso seria verdade? Talvez fizesse tudo parte do embuste. Levá-lo a crer que se preocupavam com ele para não levantar suspeitas. Talvez não tivesse desmaiado; talvez eles o houvessem posto *fora de combate*.

Afundou-se no sofá, massajando as têmporas. Fechou os olhos e tentou recordar-se de alguma coisa que o ajudasse a perceber o que lhe acontecera nesse dia. Como não tinha dores em parte nenhuma do corpo, não podia ter sofrido um trauma físico. Nem tão-pouco as pessoas que se encontravam naquela sala – e a sala tinha um aspeto deveras

confortável – o podiam ter agredido. No entanto, devia ter passado por qualquer experiência extremamente traumática que o levara a perder a memória por completo.

Pensa, Joseph. Pensa.

Olhou para o nada, por trás das pálpebras. Depois, uma sensação emergiu devagar do fundo da sua mente. Era sensual e muito atraente. Obrigou-o a afundar-se ainda mais no sofá, a relaxar os músculos e a apaziguar a confusão. Essa sensação não tinha forma nem nome. Mas era humana, feminina e íntima, sem dúvida nenhuma. Joseph tentou chamar a sensação mais a si, mas ela esquivou-se. Para onde quer que os seus pensamentos se voltassem, a sensação parecia igualmente deslocar-se. Mesmo assim, continuou a persegui-la. Aquilo tinha um significado qualquer, um significado importante. Estava certo de que, se conseguisse encontrar essa sensação, a sua memória viria atrás.

Uns dedos esguios tocaram-lhe ao de leve no ombro.

– O jantar está pronto, se quiser comer – disse uma voz feminina.

O que quer que ele perseguia desapareceu totalmente. Frustrado, Joseph abriu os olhos e deparou com a mulher que lhe dirigira a palavra em primeiro lugar.

– Obrigado – disse ele, levantando-se outra vez.

O primeiro passo revelou-se um pouco desajeitado, mas Joseph conseguiu aproximar-se da mesa sem tropeçar.

A primeira garfada foi surpreendentemente deliciosa, como se a saboreasse com o corpo todo. A comida bem confeccionada surtia aquele efeito em Joseph; disso recordava-se ele bem. O jantar era carne de vaca estufada num

molho que tinha cominhos, canela e tomate. Talvez o facto de ele conseguir distinguir todos aqueles sabores tivesse algum significado, mas Joseph não sabia qual. Batatas assadas em sal e espinafres salteados com alho completavam o prato. Joseph só percebeu a fome que tinha quando começou a comer. Engoliu várias garfadas antes de encarar os seus companheiros de mesa, sentindo-se imediatamente envergonhado com aquela exibição alarve de apetite.

– Isto está delicioso – disse ele, um pouco constrangido.

– Os meus parabéns a quem o fez.

– Foi a Carmela – disse um homem, apontando para uma quarentona em que Joseph ainda não reparara. – Comemos assim todas as noites.

Joseph baixou a cabeça a Carmela num cumprimento.

– Obrigado. Está uma maravilha. Se cozinha assim todas as noites, estes senhores têm muita, muita sorte.

Ocorreu a Joseph que não fazia ideia de como definir este grupo de pessoas. Havia seis adultos de diversas idades à mesa. Uns pareciam-se vagamente com outros, portanto, talvez fossem parentes. Mas não seria estranho que houvesse tantos adultos numa casa? E nenhuma criança? Talvez estivessem de passagem.

Carmela agradeceu baixinho o elogio. Pelo tom de voz fraco da mulher, Joseph percebeu por que razão não reparara nela. Era óbvio que os pratos que confeccionava falavam por ela. Até parecia desaparecer na cadeira enquanto comia.

– A propósito, sou o Ralph – disse o homem sentado ao lado dele, estendendo-lhe a mão. – Já me devia ter apresentado.

Joseph pousou o garfo para o cumprimentar.

– Joseph. Como me senti um pouco indisposto, talvez nem fixasse o seu nome, mesmo que mo tivesse dito.

– Pois, compreendo. Mas agora está com melhor aspeto. Acho que já se aguenta nas pernas.

Joseph sentia-se mais firme, mas ainda totalmente confuso.

– Um pouco, creio. Ainda não percebi o que aconteceu. Como me encontraram?

– Fui eu que o encontrei – respondeu uma mulher do outro lado da mesa que aparentava ter trinta e poucos anos. – Sou a Maggie. O senhor estava inconsciente, no passeio. Pedi ao Ralph e ao Sal que fossem buscá-lo e o deitassem no sofá.

Inconsciente no passeio? A imagem de um bêbado caído na berma veio-lhe logo à mente. Mas estava o mais longe possível do mundo de Joseph. Com ou sem memória, ele tinha a certeza disso. Bebia um copo de vinho de vez em quando, mas não apanhava uma bebedeira desde miúdo.

– Isto é tudo muito estranho – comentou Joseph, olhando para o prato.

Ralph inclinou-se para ele.

– Há de chegar a uma conclusão. Até lá, pode ficar aqui connosco.

Joseph olhou de soslaio para Ralph e depois à volta da mesa. Todos pareciam esperar que ele reagisse. Quem era esta gente? Não lhe pareciam estranhos nem predadores, mas não estariam a confiar em demasia? Afinal, mesmo que não fossem perigosos, como sabiam que ele não constituía uma ameaça?

– Obrigado. São muito amáveis.

Talvez pernoitasse ali. Na manhã seguinte, tentaria perceber o que se passava. Era bem possível que uma noite bem dormida lhe devolvesse a memória. Depois, poderia voltar para...

O que sentira quando estava sentado no sofá voltou. A sensação não se afastara tanto como ele julgava. Ficara ali, mas recuara um pouco enquanto ele comia e conversava com os outros. Fosse por que motivo fosse, Joseph sabia agora que ela estaria sempre ali, como o ar que o rodeava.

«Meu Deus, ela deve estar morta de preocupação», pensou Joseph quando a sensação ganhou forma na sua mente. «Ela não faz ideia do que me aconteceu – já somos dois – e deve estar a telefonar a toda a gente que conhece.» Joseph não conseguiu atribuir-lhe um rosto nem um nome, o que o frustrou. Sentia-a, mas não podia tocar-lhe. Sabia que ela estava sempre com ele, o que lhe dava uma sensação de permanência e de apoio sem a qual não conseguia viver.

Sabia que tinha de voltar para ela.

Apercebendo-se de que a conversa à mesa parara enquanto ele divagava, Joseph virou-se de novo para Ralph.

– A sério, agradeço. Se me pudessem receber esta noite, seria ótimo. Não me parece que fosse uma boa ideia sair agora. Mas, amanhã de manhã, tenho de voltar para a minha mulher.

## A Poucos Centímetros Um do Outro

— Venha juntar-se a nós, Antoinette. Bem sabe que adora a música.

Há minutos que a enfermeira insistia, apesar da recusa silenciosa e contínua de Antoinette. Mais uma vez, ela abanou a cabeça, apertando a gola do roupão.

— O Jeffrey vai lá estar — disse a enfermeira, arreliadora.  
— Sabe que ele está interessado em si, não sabe?

Antoinette estremeceu ao pensar que Jeffrey, ou fosse quem fosse, estava «interessado» nela. Tinha a certeza de que Jeffrey era um homem encantador — não se lembrava da cara dele naquele momento, mas a última coisa que desejava era esse género de atenção. Era preferível manter-se à distância de toda a gente. Não sabia bem o que aconteceria se tentasse conhecer alguém a esse ponto.

Antoinette continuava a gostar do seu quarto. Os seus quadros estavam ali, a par de outras coisas que ela reconhecia. Mas já não lhe agradava o que havia do outro lado da porta. Demasiados objetos confusos. Demasiados objetos que ela não sabia ao certo se conhecia. Demasiadas pessoas

que eram simpáticas, mas que podiam estar a tentar aproveitar-se dela de qualquer maneira. Aqui tinha tudo o que lhe fazia falta. As enfermeiras traziam-lhe comida uns minutos depois de tentarem convencê-la a deslocar-se à sala de jantar e ali ela tinha toda a companhia que podia desejar.

– Talvez amanhã, Diane – apressou-se a responder Antoinette.

A enfermeira inclinou a cabeça para o lado.

– Ora, Antoinette, bem sabe que me chamo Darlene. E a senhora diz «talvez amanhã» todos os dias. – A enfermeira aproximou-se do calendário preso ao frigorífico por um íman. – Ora deixe-me ver... sim, diz aqui que «amanhã» é hoje!

Darlene ou Diane, ou fosse qual fosse o nome dela, Antoinette tinha a certeza de que lhe mudavam o nome constantemente, estendeu a mão.

– Venha, Antoinette, vamos dançar as duas. Toda a gente adora vê-la dançar. É tão elegante!

Antoinette levantou-se do sofá e sentou-se em cima da cama.

– Talvez amanhã. A sério. Agora preciso de descansar.

A enfermeira suspirou ostensivamente e encolheu os ombros com exagero.

– Está bem, Antoinette. Vou deixá-la em paz por esta vez. Mas amanhã não lhe largo a perna. Amanhã, haverá gelado em grupo... e quero vê-la lá a comer um sorvete *enorme*. Eu própria servirei as natas batidas.

Depois saiu e Antoinette sentiu-se muito, muito melhor. Esta enfermeira pressionava-a sempre tanto. A outra – Jane,

Jude, Angela, qualquer coisa parecida – era muito mais simpática e compreensiva. Depois de a enfermeira sair, Antoinette ficou sentada durante muito tempo à beira do sofá, a pensar um pouco no gelado em grupo do dia seguinte e em todas as pessoas que lá estariam e que ela não reconheceria, e depois sem pensar em grande coisa. Por fim, levantou-se, despiu o roupão e enfiou-se na cama. Os lençóis aconchegaram-na e aqueceram-na. Deixou que a sua mente divagasse, sabendo que ela a conduziria a algum lado aonde desejava verdadeiramente ir.

... Nesse dia, caminhavam numa rua da cidade de Nova Iorque. Antoinette reconheceu o bairro próximo do seu primeiro apartamento, a casa que tinham alugado depois de casarem havia sessenta anos. A Primavera chegava ao fim, o céu estava límpido e os peões circulavam à volta deles, apressadamente, enquanto Antoinette e o marido andavam ao seu próprio ritmo, muito firme, muito descontraído.

– Está um dia lindo para passear, não achas, Don? – perguntou ela.

Ele pegou-lhe na mão, beijou-a nas costas ao de leve e manteve-a agarrada à sua enquanto avançavam.

– Realmente está um dia lindo, Hannah.

Praticamente desde o momento em que se haviam conhecido, tratavam-se um ao outro por «Don» e «Hannah», como o par representado por Fred Astaire e Judy Garland em *Quando Danço Contigo*, o filme que tinham visto no dia do primeiro encontro. Antoinette já estava apaixonada quando saiu com ele pela primeira vez – namoriscavam há umas semanas – e quando ele a levou a dançar depois do filme e

lhe chamou «Hannah», Antoinette teve a certeza de que ele sentia da mesma maneira. Daí em diante, ele passou a ser o seu «Don» e ela a «Hannah» dele, nunca usando os nomes verdadeiros para se dirigirem um ao outro exceto nas raras ocasiões em que um deles estava deveras zangado.

Pararam junto de uma montra para Antoinette poder admirar um vestido de *chiffon* azul.

– É uma maravilha, não é?

Don passou-lhe um braço pela cintura e aproximou a face da dela.

– É, e ficarias linda com ele. Mas, infelizmente, é muito caro.

Antoinette virou-se para Don e os narizes de ambos ficaram a poucos centímetros um do outro, o que a fez sorrir.

– Muito caro? Mas nem sequer sabemos quanto custa.

Don beijou-lhe a ponta do nariz e em seguida deu uns passos atrás.

– Mas eu sei quanto deve custar. O problema não está no preço do vestido. O problema está no decote. – Don apontou para a montra. – Vês que ficarias com o ombro quase à mostra? Como bem sabes, Hannah, os teus ombros nus deixam-me louco de desejo. Isso significa que, ao preço do vestido, teríamos de juntar a multa que eu pagaria por comportamento indecoroso em público se alguma vez o usasses fora de casa.

Ele rematou com um sorriso pueril e Antoinette empurrou-o, a brincar.

– Essa é a pior desculpa que alguma vez inventaste para não me comprares um vestido.

– Estou apenas a ser pragmático, querida – disse ele, ainda a sorrir e dando-lhe a mão para continuarem o passeio.

Pararam num estabelecimento de material eletrónico onde Don cobiçou um rádio novo tal como ela cobiçara o vestido. Antoinette tentou inventar uma desculpa para não comprar o rádio tão idiota e romântica como a de Don para não comprar o vestido, mas a imaginação traiu-a. Saíram do estabelecimento sem o rádio. Neste caso, Don estava realmente a ser pragmático. Tinham uma vida confortável, mas não se podiam dar ao luxo de fazer despesas frívolas. O rádio da sala de estar era bastante bom, e mais do que bom para dançar.

Depois de um café e de uma fatia de tarte de mirtilos na Horn & Hardart, iniciaram o caminho de regresso a casa. A tarde deixara Antoinette muito descontraída. Sentia os músculos relaxados e a pele quente. O passo de ambos, que nunca fora rápido, abrandou ainda mais, como se avançassem através de um lago cheio do molho de chocolate que Don adorava que ela lhe fizesse para acompanhar o gelado.

Don levou-lhe outra vez a mão aos lábios e beijou-a devagarinho.

– Acho que seria agradável dormirmos uma sesta quando chegarmos a casa.

Ela apertou as mãos de ambos, que ele conservava junto da face.

– Hummm, parece convidativo. Vamos comprar alguma coisa para jantar e assim não teremos de voltar a sair.

– É preferível irmos dormir a sesta.

– *Agora é preferível.* Depois, quando acordarmos e estiveres esfomeado, vais querer que eu prepare o jantar.

Antoinette encaminhou-o para o mercado, que ficava a um quarteirão do apartamento. Queria cozinhar algo escandalosamente delicioso nessa noite. Um presente para Don. Algo que lhe garantisse que tardes como a que tinham acabado de passar eram preciosas para ela. Escolheu alhos franceses, natas e frango. Lembrou-se que a manteiga estava a acabar e pôs também uma embalagem no cesto. Arroz selvagem seria um acompanhamento surpreendente, uma coisa que tinha até o seu quê de malicioso. E os espargos pareciam muito bons.

Quando regressaram ao apartamento, Don começou a abrir a correspondência enquanto ela salteava alhos franceses em manteiga e temperava o frango. Estava a dourar o frango noutra frigideira quando Don veio por trás e a abraçou pela cintura.

– Cheira muito bem – disse ele, beijando-a na face. Ela virou o frango com um garfo.

– Vai saber ainda melhor.

Ele beijou-a outra vez.

– Sabes o que seria ainda mais delicioso?

– O quê?

– A sesta de que vínhamos a falar.

Antoinette percebeu que Don pensava noutra coisa e não na sesta.

– Estás com tanto *sono* que não podes esperar que eu ponha isto no forno?

Ele beijou-lhe o pescoço e Antoinette sentiu-se tão derretida como um dos alhos franceses.

- Estou com muito, muito sono.
- O jantar não ficará tão bom se o interromper agora.
- Posso viver com isso – disse ele, enquanto começava a desabotoar-lhe o vestido nas costas e Antoinette começava também a esquecer-se do jantar...

A recordação desapareceu, mas não as sensações que a haviam acompanhado. As sensações maravilhosas e profundamente satisfatórias. Antoinette puxou os lençóis até ao pescoço, aconchegou-se neles e, sentindo o calor da presença de Don no espaço que criara para ambos, adormeceu. Este dia fora muito bom.